



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**

**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**

**NUNO KRAUSE**

**O TCC: Uma radionovela sobre os problemas enfrentados por  
alunos da Facom-UFBA para realizar o Trabalho de Conclusão de  
Curso no semestre 2021.1**

**Memorial do produto**

Lauro de Freitas

2021

NUNO KRAUSE

**O TCC: Uma radionovela sobre os problemas enfrentados por alunos da  
Facom-UFBA para realizar o Trabalho de Conclusão de Curso no semestre  
2021.1**

**Memorial do produto**

Memorial descritivo apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de bacharel do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia.

Orientador: Prof. Dr. Maurício Nogueira  
Tavares

Lauro de Freitas  
2021

## AGRADECIMENTOS

É impossível contar o número de pessoas que me apoiou desde que decidi realizar este trabalho. Dessa forma, pode ser que eu esqueça alguém e, portanto, já adianto um pedido de desculpas. Em primeiro lugar, agradeço a Deus, que creio que exista e me proporcione saúde, paz e serenidade para perseguir meus sonhos. Também agradeço aos meus pais, Miguel e Renate, e às minhas irmãs, Leyla e Paula, que me assistiram em todos os momentos da minha vida. Só por causa deles iniciei minha trajetória na universidade. Nos últimos anos, minha namorada, Kelly, tornou-se um dos pilares da minha vida, me apoiando nos momentos mais tristes e compartilhando comigo os mais felizes. Agradeço aos meus colegas de faculdade que me ajudaram nesta caminhada e contribuíram com suas vozes para a realização deste trabalho, e ao meu orientador, Maurício Nogueira Tavares, por me mostrar que TCC não é nenhum “bicho de sete cabeças” (eu espero). Por fim, agradeço aos meus cachorros, Bolt, Marley e Tina, que sempre arrancam um sorriso do meu rosto.

## RESUMO

O produto “O TCC: uma radionovela sobre os problemas enfrentados por alunos da Facom-UFBA para realizar o Trabalho de Conclusão de Curso no semestre 2021.1”, apresentado como trabalho de conclusão de curso, visa, em forma de sátira, discorrer sobre o reduzido tempo que os estudantes da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia tiveram para realizar seus respectivos TCC’s no semestre 2021.1. Elaborada com base em técnicas de texto, locução e edição, a radionovela independente aborda o tema de um ponto de vista assustador, mas, ao mesmo tempo, cômico.

**Palavras-chave:** radionovela, TCC, semestre 2021.1, humor, terror, rádio.

## ABSTRACT

The product “The CCW: a radio soap opera about the problems faced by students from Facom-UFBA to carry out the Course Completion Work in the 2021.1 semester”, presented as course completion work, aims, in the form of a satire, to talk about the reduced time that students from the Communication Faculty of the Federal University of Bahia had to complete their respective CCW's in the 2021.1 semester. Elaborated on the basis of text, voiceover and editing techniques, the independent radio soap opera approaches the topic from a frightening but, at the same time, comical point of view.

**Keywords:** radio soap opera, Course Completion Work, 2021.1 semester, humor, horror, radio.

## SUMÁRIO

<b>1. Apresentação.....</b>	<b>6</b>
<b>2. Fundamentação teórica.....</b>	<b>8</b>
<b>2.1. Gênero dramático no rádio.....</b>	<b>8</b>
<b>2.2. Humor no rádio.....</b>	<b>9</b>
<b>2.3. Novos formatos e podcasts.....</b>	<b>10</b>
<b>3. O processo.....</b>	<b>12</b>
<b>3.1. Aplicando conceitos.....</b>	<b>16</b>
<b>3.2. “O TCC” .....</b>	<b>17</b>
<b>4. Considerações finais.....</b>	<b>21</b>
<b>5. Referências.....</b>	<b>22</b>

## 1. Apresentação

Este memorial tem como objetivo descrever todo o processo de desenvolvimento da radionovela “O TCC”, criada, produzida e editada por mim no semestre 2021.1 do curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal da Bahia. Além disso, apresentará, de forma resumida, a minha trajetória na universidade. Em forma de sátira, a história faz uma crítica ao pouco tempo destinado aos estudantes deste curso para realizar o Trabalho de Conclusão de Curso neste semestre.

Em função da pandemia do novo coronavírus, a Facom adotou regime de aulas remoto. O início das aulas se deu no dia 22 de fevereiro de 2021. O prazo para entregar o trabalho digital à banca examinadora do TCC era até o dia 3 de maio de 2021. Ou seja, apenas dois meses e nove dias. As datas geraram indignação de boa parte dos estudantes que se formariam neste semestre, eu incluso, e alguns acabaram pedindo extensão do prazo - na maioria das vezes concedida pela banca. No meu caso, foi impossível, já que a ficção por mim proposta estabelece o dia 3 de maio como derradeiro para a entrega dos trabalhos. É preciso lembrar que os estudantes costumam ter outros compromissos para além do espaço universitário, como estágio, trabalho, problemas pessoais e outras coisas que interferem na trajetória.

Contudo, a radionovela também propõe críticas a outras coisas, como aos próprios estudantes, que por vezes postergam trabalhos que poderiam ser realizados com antecedência; trata de temas atuais da sociedade, como a pandemia do novo coronavírus, o governo do presidente Jair Bolsonaro, a vacina, o Big Brother Brasil 21, da Rede Globo<sup>1</sup>, a liberdade de expressão, o conservadorismo, o Esporte Clube Bahia e seus torcedores fanáticos, a cidade de Salvador e os soteropolitanos, a relação dos estudantes com o jornalismo e uma série de outras coisas que criam um vínculo de identificação com o público geral e, mais ainda, com o público-alvo da produção: estudantes de

---

<sup>1</sup> Emissora de televisão.

comunicação. Essa questão será vista mais à frente, nos tópicos “Fundamentação Teórica” e “O Processo”.

A trama da radionovela se baseia em quatro estudantes de jornalismo da Universidade Federal do Bahia que se matricularam em COM118 - Trabalho de Conclusão de Curso: Gabriela Vilá, Leonardo Souto, Maria Cornélius e Miguel Rios (os nomes são fictícios). Eles são confinados por uma entidade no apartamento de Cornélius, localizado no Edifício Alumena, no bairro da Graça. Esta entidade se comunica por meio de uma voz misteriosa, que estabelece o prazo final para a entrega dos TCC's à banca até o dia 3 de maio de 2021. Quem não conseguir fazer isso, segundo a voz, sofrerá “graves consequências”.

É importante destacar que o gênero da radionovela é “terror”, mas mesmo os momentos mais “assustadores” podem ser considerados cômicos - não digo engraçados, já que quem determina isso é o ouvinte. Os efeitos sonoros e trilhas empregados dão a entender que a trama pode ser aterrorizante, mas falas e reações dos personagens contrastam radicalmente com isso.

## **2. Fundamentação Teórica**

Apresento, aqui, os conceitos que nortearam a elaboração do produto, tendo em vista especialmente os ensinamentos sobre produção de rádio e o gênero dramático. Eles estão presentes em todo o decorrer da radionovela, com técnicas específicas de locução, edição e produção, que permitem entender de que forma o público-geral e o público-alvo podem receber aquela mensagem.

### **2.1. O gênero dramático no rádio**

Chaves (2007) conta que a primeira radionovela a ser veiculada no Brasil foi “Em Busca da Felicidade’, de Leandro Blanco, adaptada por Gilberto Martins, no horário de 10h30min, radiofonizada às segundas, quartas e sextas-feiras pela Rádio Nacional”. Cuba foi a pioneira na elaboração do gênero, que já chegou ao nosso país na era de ouro do rádio. As mulheres eram o público-alvo, já que a sociedade à época, baseada no patriarcado, normalizava a presença feminina dentro de casa, cuidando das coisas, enquanto o homem ia trabalhar para sustentar a família. Dessa forma, as mulheres tinham maior acesso ao rádio.

O sucesso foi praticamente imediato. Silvia Borelli e Maria Celeste Mira (1996) destacam que a Rádio Nacional irradiou cerca de dezesseis radionovelas diárias e dez radioteatros completos, com cento e cinquenta radioatores. José Ignacio López Vigil explica o motivo:

“O gênero dramático evoca o passado, adianta o futuro e coloca ambos no presente. Representa-os (It). Talvez por isso nos pareça um gênero tão próximo, tão familiar, porque imita a vida, recria situações que vivemos ou que gostaríamos de ter vivido” (LÓPEZ VIGIL, José Ignacio. Manual urgente para radialistas apaixonados. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 132).

A importância do rádio como um meio de entretenimento também é destacada por Hartmann e Muller (1998). Ambos lembram que o meio de comunicação “não é apenas um instrumento de educação, conscientização, informação e prestação de serviços”. Essa função também é destacada por Calabre (2002):

“os programas humorísticos radiofônicos alcançavam altos índices de audiência, concorrendo com os programas de música e com as radionovelas pelo título de campeão de popularidade (p.46)”.

Contudo, como destaca o próprio López Vigil (2003), não é qualquer tipo de cotidiano que entretém o público. Para o autor, é necessário haver conflitos relevantes para que uma radionovela seja sustentada:

“Digamos que a alma, a essência da dramaturgia, nada mais é do que o *conflito*. As ações conflitivas são as ações próprias do gênero (...) O conflito nos puxa para dentro como a maré. Nenhum dos espectadores consegue permanecer imparcial diante dele. O ouvinte, por meio do rádio, também se envolve. Diante de qualquer guerra, desenvolvemos duas primeiras e inevitáveis reações: de simpatia por uma das partes e de antipatia por outra” (LÓPEZ VIGIL, José Ignacio. Manual urgente para radialistas apaixonados. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 134)

Para criar ações conflitivas que interessem, é claro, precisa-se de criatividade. O processo de desenvolver uma radionovela que cativa o público passa pelo quanto o autor conseguirá despertar, no imaginário coletivo, uma sensação de total envolvimento com a trama que se está escutando. É por isso, também, que não apenas o roteiro precisa ser bem encaixado, mas os atores devem estar em sincronia, e os efeitos e trilhas devem estar bem colocados. McLeish (2001) lembra que “como o tamanho e o alcance das imagens criadas são limitados apenas pelas mentes que as elaboram e interpretam, o meio, na sua relação com a peça, é inigualável” (p. 179).

## **2.2 O humor no rádio**

A interpretação dramática no rádio e a ampla gama de efeitos sonoros possíveis abre margem para o humor. A ânsia social por entretenimento com a descoberta do ouro nas ondas sonoras, que levava o público ao delírio, também era uma ânsia pelo riso. A vida em sociedade, estressante ao extremo, também exigia um alívio cômico. Para produzir isso, portanto, os operadores do meio de comunicação tinham uma série de recursos. É possível utilizar apenas a voz para fazer humor no rádio: alterá-la, imitar pessoas públicas, super

interpretar, nasalar, etc. No entanto, com efeitos, cortinas, trilhas e outros recursos técnicos bem encaixados, a possibilidade de gerar riso é grande.

Vigil (2003) afirma que “em um programa sério, os atores falarão com paixão, com emoções intensas, sem perder a naturalidade. O gênero dramático *imita* a vida (...) O gênero cômico *caricatura* a vida”.

No entanto, apesar do sucesso estrondoso nos primeiros anos, as radionovelas começaram a perder sua força com a chegada da televisão, nos anos 60. Tavares (1999) explica os motivos:

“A radionovela, além da perda evidente de pessoal artístico e técnico para a televisão, e a diminuição de investimento de produção a partir da década de sessenta com o deslocamento das grandes verbas publicitárias para o novo meio, passou por um processo de cristalização de linguagem. A radionovela, em parte por características específicas do rádio, apresentava uma linguagem extremamente convencionalizada e reduzida, em sua forma de expressão, a um número limitado de clichês. A narrativa folhetinesca, que tinha migrado dos jornais impressos para o rádio, vai se alojar em um outro meio, a televisão, que lhe permite a utilização do novo recurso da imagem”.  
(TAVARES, Maurício. A paródia no rádio. São Paulo, 1999. p.1)

### **2.3. Novos formatos e podcast**

Ao mesmo tempo que o rádio como instrumento é visto cada vez menos na atual sociedade, os conteúdos que envolvem áudio são um fenômeno. Com a pandemia do novo coronavírus, a busca por entretenimento cresceu e, com isso, os podcasts também. Primo (2005) vai classificar o *podcasting* como “um processo midiático que emerge a partir da publicação de arquivos de áudio na internet”.

A estimativa é de que o número de ouvintes de podcast no Brasil cresceu de 16% a 100% entre 2019 (17,3 milhões) e 2020, segundo a Podpesquisa do ano. Ou seja, o país pode ter de 20 milhões até 34,6 milhões de ouvintes de podcast atualmente.

O formato facilita a difusão de radionovelas também. Plataformas como o Castbox e o Anchor FM distribuem os áudios para outras, como Spotify, Deezer, Google Podcasts, Tune In<sup>2</sup>, e outras. Sendo assim, um áudio pode ser escutado pelos ouvintes de todas essas plataformas. O formato, por abranger uma maior variedade de temas do que o rádio, é um meio de comunicação mais específico, e o ouvinte pode escolher exatamente o que deseja ter acesso.

Isso também é uma porta de entrada para o gênero dramático. Em julho de 2020, o Gshow<sup>3</sup> lançou sua primeira série em formato de podcast. “Com o título ‘Gilmar Baltazar, Detetive Particular’, a produção mistura os universos investigativo e humorístico e é protagonizada por Fernando Caruso”, diz o portal. A primeira temporada foi intitulada “Um Crime na Quarentena”, abordando assim o gênero policial, intrigante, e relacionando-o a um tema da atualidade: a pandemia do novo coronavírus. O último episódio da série foi veiculado no dia 25 de setembro de 2020.

---

<sup>2</sup> Plataformas de streaming de áudio.

<sup>3</sup> Plataforma de entretenimento da Rede Globo de Comunicação, maior empresa do ramo do Brasil.

### 3. O processo

Eu só entrei na faculdade de jornalismo porque me diziam que eu tinha uma voz bonita. “Você devia ser locutor, Nuno”, era a primeira reação da maior parte das pessoas que ouvia a minha voz pela primeira vez. Isso pode parecer narcisista, e de fato é, mas foi um incentivo importante para quem não tinha ideia do que fazer no meio do Ensino Médio. O que eu não imaginava era que o ambiente “rádio” é muito mais diverso e peculiar do que locutores que têm uma voz bonita. Ter uma voz bonita não faz de ninguém um bom locutor. Na verdade, pode ser bastante prejudicial. Foi na faculdade que aprendi que quem gosta demais da própria voz não se comunica com ninguém, a não ser consigo mesmo.

Até por isso, talvez, a minha relação com o rádio tenha demorado tanto para aflorar. No quarto semestre, quando entrei pela primeira vez no laboratório de rádio, o professor Maurício Tavares, hoje meu orientador, me disse: “Você parece um estudante de educação física, não de comunicação”. Isso foi necessário. Na mesma hora, pensei que tinha que concordar. Eu, de fato, estava completamente perdido. O primeiro teste de locução foi um desastre: voz monótona, chata, pouco comunicativa. Apenas grave, nada mais. Depois de tantos anos ouvindo que eu tinha a voz bonita, aquilo foi um baque. Ouvir minha própria voz com várias pessoas me olhando me mostrou que eu não era nada comunicativo, naquele ponto da minha trajetória.

As atividades da Oficina de Radiojornalismo (COM 114) pouco me importavam. Eu já tinha aceitado meu fracasso e estava determinado a fazer outra coisa. Jornalismo digital, impresso. Afinal, o meu texto era razoavelmente bom e eu gostava de escrever. No entanto, uma atividade específica me colocou nos trilhos que me levaram até aqui. Nós tínhamos que pegar uma notícia de um site qualquer, transformar o texto para deixá-lo de maneira mais radiofônica e, então, lê-lo no estúdio. Eu me preparei bem para essa atividade, especialmente porque era fácil. Peguei uma notícia no dia anterior e estudei bem o texto. Como sou apaixonado por esportes, uni o útil ao agradável. O técnico da Espanha à época, Julen Lopetegui, tinha acabado de deixar o comando da

Seleção para assumir o Real Madrid, pouco tempo antes da Copa do Mundo de 2018, disputada na Rússia. A reação à minha locução foi extremamente positiva. O monitor da turma, o jornalista Lucas Arraz, elogiou muito a minha evolução, e Maurício Tavares concordou que estava melhor. Hoje, quando a escuto, vejo o quanto estava ruim. Ainda assim, era muito melhor do que qualquer coisa que eu já havia apresentado.

A partir deste momento, o caminho só me oportunizou coisas boas. Lembro que o semestre se encerrou com um programa ao vivo. Eu e mais quatro colegas decidimos abordar o tema “lendas urbanas”. Foram vinte minutos de uma coisa completamente desconexa. Não estávamos bem preparados, o tema era batido e os quadros estavam muito longos. O professor Maurício Tavares ficou entediado e criticou bastante, com razão. Contudo, um ponto positivo daquele dia foi que pude perceber que tinha melhorado minha capacidade de improviso. Diante de tantas lambanças imperdoáveis, ao menos eu tinha conseguido, ao lado dos meus colegas, segurar o programa e deixá-lo minimamente audível.

No semestre seguinte, assim que saiu a matrícula digital, corri para me inscrever na optativa ministrada pelo professor Maurício: “Temas Especiais em Radiojornalismo”. A disciplina consistia na elaboração de programas semanais, toda sexta-feira, na Rádio Facom, com notícias sobre a UFBA. O nome da atração era “Jornal da Facom”. Por motivos pessoais, não fui à primeira aula, na qual os estudantes deram ideias para o Jornal da Facom. Como não estive presente, não sabia o que aconteceria na segunda aula. Sabia que queria ser o apresentador, e que podia ter perdido aquela oportunidade. Contudo, durante a semana, o professor publicou no grupo da disciplina no Facebook<sup>4</sup> que um dos locutores selecionados não estaria presente na segunda aula, e afirmou querer que eu fosse um dos apresentadores. O programa teria um sistema de revezamento, em que cada semana dois locutores diferentes apresentariam o Jornal da Facom. Eu estava incluído no rodízio.

---

<sup>4</sup> Rede social que promove interação de pessoas, criada por Mark Zuckerberg.

No decorrer da matéria, acabei ficando fixo na apresentação. Foi importante para mim saber que o professor Maurício Tavares via algum potencial na minha locução. Isso me estimulou a estudar mais sobre rádio e comecei a procurar livros sobre o tema. Inclusive, o primeiro que comprei era tão ruim que não consegui terminar. Não cabe citar o nome aqui, mas serviu de aprendizado para não pegar qualquer livro que visse pela frente.

Maurício me indicou duas obras: “Manual urgente para radialistas apaixonados”, de José Ignacio López Vigil, e “Produção de Rádio: um guia abrangente de produção radiofônica”, de Robert McLeish. Ambos foram citados neste memorial, durante a fundamentação teórica, e nortearam grande parte da elaboração da radionovela “O TCC”. Os dois livros me ajudaram a me desconstruir ainda mais da ideia de que “uma voz bonita é tudo”. Comecei a aprender sobre a importância de entender o público para o qual estava me dirigindo, e a entoar as palavras de forma mais comunicativa.

Isso me ajudou no meu primeiro estágio em rádio, na RBN Digital, rádio do Bahia Notícias, em 2018. Como o próprio nome já diz, é uma rádio digital. Minha função era gravar seis boletins diários, de hora em hora, com notícias que saíam no site. Meus primeiros boletins foram ruins, mas depois as coisas foram melhorando. Como o gênero jornalístico, neste caso, é mais formal, não consegui me livrar completamente daquela voz grave super radiofônica que parece um trovão, mas tentei dar um tom mais leve às notícias. Desde o início de 2020, sou contratado pela RBN Digital para realizar programas e fazer os boletins. Ter acesso à minha locução diariamente é importantíssimo para o meu aprendizado, e para a minha ambição de evoluí-la cada vez mais.

No semestre seguinte ao que apresentei o Jornal da Facom, o professor Maurício Tavares mudou a ementa e o nome da matéria optativa. A partir de então, chamaria-se “Temas Especiais em Rádio”. Não pensei duas vezes e me inscrevi novamente. A ideia dele ao tirar o “jornalismo” do nome era alterar o formato da disciplina. Não seria apenas um programa, o “Jornal da Facom”, mas dois. O segundo poderia ser escolhido pelos estudantes. Eu e meus colegas decidimos fazer um programa de humor, chamado “Semanal”.

Este programa não era excelente, mas foi importante para aflorar o meu lado mais humorístico. Eu sempre gostei de fazer piadas, a maioria delas ruins, mas humor no rádio é completamente diferente. Ter o *timing* exato exige uma série de pessoas convergindo em torno de uma única ideia. O operador de mesa precisa estar atento, o locutor tem que dar a entonação certa e a próxima pessoa a falar já tem que estar pronta. Claro, também existem as piadas de improviso que enriquecem o programa, se feitas da forma correta.

Antes mesmo de o semestre se encerrar, eu pedi ao professor Maurício Tavares para virar monitor de rádio. A bolsa foi cortada, e a única forma de fazer isso era voluntariamente. Quando Maurício aceitou, eu já estava matriculado em semiótica, matéria que fui reprovado no segundo semestre. A disciplina era praticamente no mesmo horário da Oficina de Radiojornalismo, às segundas e quartas. Decidi reprovar novamente, dessa vez por falta. Por mais que isso pudesse me prejudicar, pelo menos eu aprenderia mais na área que tanto gostava.

A experiência foi incrível. A metodologia aplicada pelo professor Maurício Tavares é muito prática, e ele dá liberdade para os monitores trazerem novos conteúdos e falarem bastante durante a aula. O enriquecimento que traz lidar todos os dias com novos estudantes, interessados pelo conhecimento ou não, é imensurável. Eu tinha a função de orientá-los sobre as formas de fazer rádio, e ao mesmo tempo estava aprendendo com as coisas novas que eles traziam. Além disso, tive a oportunidade de aprender a mexer em uma mesa semiprofissional de operação, o que me aprimorou em uma área pela qual nunca tive muito interesse: a técnica.

Após esse período de monitoria, comecei a perceber de que forma os sons da vida cotidiana podiam ser facilmente transportados para o rádio. No rádio, é possível despertar a imaginação das pessoas de uma forma completamente diferente. Na televisão, a imagem já vem pronta, você assimila aquilo e aceita praticamente como verdade absoluta. Quando o único recurso que se tem é a audição, quem constrói a cena é o ouvinte. Em uma radionovela, como é “O

TCC”, o narrador, os personagens, os efeitos e as trilhas apenas induzem o ouvinte a ter acesso àquela cena. No entanto, garanto que ela será diferente para cada ouvinte, mesmo que nos pequenos detalhes, como em um livro.

### **3.1. Aplicando conceitos**

Peguei todo o conhecimento acumulado durante os anos e os apliquei em minha primeira radionovela: “O LEGADO”. Foi um projeto experimental, que na verdade nem terminou, mas que serviu para eu entender de que forma o público atual se relaciona com este formato. “O LEGADO” contava a história de oito soteropolitanos que tentavam lidar com as adversidades impostas pela pandemia do novo coronavírus. Na Pituba, o vilão Seu Otávio e sua filha, Giovanna, fingiam que o vírus não existia. Aglomeravam, andavam sem máscara e se achavam donos do mundo. Ele era um fanfarrão, que pagava de ajudante dos pobres e tinha negócios duvidosos na África. Neste personagem, empreguei o recurso da imitação do meu colega, Gabriel Rios. Pensei que seria cômico que Seu Otávio tivesse a voz muito parecida com a do presidente Jair Bolsonaro. Deu certo. Quem ouviu, aprovou. Já Giovanna tinha uma fala estridente, afinada, uma caricatura da menina rica que sempre teve tudo o que quis. Ambos eram extremamente preconceituosos.

O contraste principal dessa dupla era Robson e Raimunda, um casal que trabalhava nos arredores da Fonte Nova. Ele como flanelinha, e ela como vendedora de cerveja. Ambos representavam os trabalhadores que não têm opção durante a pandemia, mas se esforçam para respeitar as medidas de prevenção da Covid-19. No geral, levavam a vida com leveza.

O outro arco da radionovela envolvia mais quatro personagens. No Cabula, Jussara, estudante de jornalismo, vivia uma dicotomia com seu primo, Marcos. Ela era militante, ativista dos direitos humanos, lutava pela igualdade social e tinha perdido os pais cedo. Ele era conservador, negacionista, e idolatrava o presidente Jair Bolsonaro. Ambos moravam no mesmo apartamento. Enquanto isso, em Brotas, o amigo de Jussara, Juan, também estudante de jornalismo, vivia um dilema sobre sexualidade. Os pais dele não sabiam que ele era gay, e ele se esforçava ao máximo para esconder. Contudo, seu melhor amigo,

Marcelo, estava se descobrindo, e o tempo todo ia à casa de Juan, mesmo durante a pandemia.

Nesta produção, comecei a empregar os conceitos que expliquei na fundamentação teórica. Naturalmente, o meu público-alvo consistia em pessoas que abominam o atual governo e reprovam as atitudes negacionistas e irresponsáveis durante a pandemia. Criei um perfil no Instagram, onde divulgava conteúdos semanais e os capítulos, que saíam todos os sábados. No total, chegamos a 150 seguidores na rede social e a mil ouvintes no Spotify e no Castbox em pouco mais de um mês.

A sátira rendeu boas reações, e as interações pelo Instagram mostraram uma paixão por Robson e Raimunda e um ódio tácito por Seu Otávio e Giovanna. Ao mesmo tempo, viu-se um sentimento de pena por Jussara ter que aguentar conviver com Marcos, e uma repulsa pela forma que Marcelo tratava Juan. Essas impressões se encaixam justamente com o conceito que citei de López Vigil (2003), da necessidade da existência do conflito na radionovela. Automaticamente, o público tomou partido por determinadas narrativas, e abraçou uma causa com a qual se identificava. Obviamente, nenhum público é uniforme, e muitos identificavam a importância de Seu Otávio, Giovanna, Marcos e Marcelo para a narrativa. Afinal, se todos os personagens pensassem da mesma forma, não haveria conflito e, conseqüentemente, história.

### **3.2. “O TCC”**

Tudo o que citei até agora serviu de base para que eu desenvolvesse a radionovela que marca o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Denominada “O TCC”, a obra usa o recurso da metalinguagem para abordar um outro tipo de situação conflitiva: estudantes de jornalismo enfrentando o desespero de ter de entregar o trabalho no prazo em tão pouco tempo.

A radionovela tem apenas um arco principal, que conta a história desses quatro estudantes confinados no apartamento de Maria Cornélius, ordenados por uma voz misteriosa a realizar o TCC até o dia 3 de maio de 2021. O ponto de partida dessa obra é o processo de identificação com os personagens. Os atores foram

escolhidos para fazerem caricaturas de si mesmos. Gabriela Vilá é interpretada por Marcela Villar; Leonardo Souto por Leonardo Sousa; Maria Cornélius por Marina Hortélio e Miguel Rios por Gabriel Rios.

A roteirização foi o primeiro passo, e levou algumas semanas para ser feita. Como em todo processo criativo, foi preciso errar várias vezes antes de achar um roteiro ideal para o meu TCC. O texto é o primeiro contato que o ator tem com seu personagem, e é por ele que o intérprete se baseará para entregar o resultado final. Portanto, foi necessário escrever não só o roteiro, como também uma série de indicações e orientações para os atores se situarem com seus respectivos personagens.

A trama, como já citei, utiliza trilhas e efeitos de suspense/terror, visando induzir a imaginação do público a pensar que aquela é uma história assustadora. A quebra de expectativa, essencial para o humor, se dá justamente quando os personagens reagem às situações a que são expostos. Maria Cornélius é o tipo de estudante que está sempre ansiosa com tudo. Quer fazer os trabalhos com antecedência, se desespera com qualquer adversidade e leva tudo muito a sério. O traço mais marcante dela é justamente essa dicotomia entre estar achando tudo lindo em uma hora e, num estalar de dedos, achar que tudo está acabado novamente.

Não é à toa que a primeira pessoa para quem ela liga é Gabriela Vilá. Esta é a mais centrada entre todos da trama. Sempre tenta encontrar uma solução prática para tudo, e não gosta de ser atrapalhada. Se formos utilizar uma analogia popular, Maria é mais “coração” e Gabriela é mais “razão”. Miguel Rios é o piadista da galera. Nas situações mais enervantes propostas pela radionovela, ele está tentando demonstrar que não tem medo, e sempre tenta fazer uma piada para aliviar o clima. Leonardo Souto, por outro lado, é o típico estudante que sempre acha que tudo está bem. No fundo, ele já sabe qual será o seu destino, mas não deixa que isso afete a programação dos outros.

Vale destacar que a radionovela tem participação de outras pessoas, que foram essenciais para a realização do projeto: Lucas Arraz, que interpreta o jornalista

que noticia as mortes causadas pela Covid-19; Maycon Menezes, que interpreta Maycon Menezes, a dupla de Miguel Rios, durante o capítulo 4; Breno Bastos, intérprete do irmão de Maria Cornélius, Beto Cornélius; Leonardo Almeida, responsável pela voz de Leandro Palmeira, namorado de Gabriela Vilá; Ian Menezes, que representa Juan, ao gravar um áudio para o trabalho de Miguel e Maycon, no capítulo quatro; e Levy Teles, que faz a voz de um assessor do Esporte Clube Bahia.

Também é importante ressaltar o papel do narrador. Interpretado por mim, Nuno Krause, ele tem papel fundamental para situar o ouvinte em determinadas cenas. Porém, neste trabalho eu tentei, ao máximo, retirar a presença do narrador em cenas que não havia necessidade. Quando o narrador aparece demais, tira o foco dos outros personagens.

A principal dificuldade para a realização deste trabalho foi a parte técnica. Como estamos isolados, por causa do vírus, a gravação não foi feita em estúdio. Cada ator e atriz gravou suas falas separadamente, de suas respectivas casas. Na minha outra radionovela, “O LEGADO”, também ocorreu dessa forma. Porém, dessa vez, a diferença de captação me deixou mais incomodado, talvez por ser o meu Trabalho de Conclusão de Curso. Por isso, a técnica que utilizei para amenizar isso - impossível ficar perfeito - foi tentar trazer uma imersão maior no rádio. Como é uma radionovela, e remete à época de ouro do rádio, inseri ruídos característicos do meio de comunicação, que se fizeram presentes durante toda a obra.

Os efeitos e trilhas também ajudaram a amenizar falhas técnicas. Mas, como destaca López Vigil, “embora na realidade haja muitos objetos soando à nossa volta, no rádio precisamos selecionar apenas os mais expressivos. Um efeito ou dois, três no máximo, costumam ser suficientes”. Ou seja, não é possível deixar toda a produção recheada de efeitos e trilhas. Isso a deixaria monótona.

Em termos de interpretação, o resultado geral foi bom. Caso tivesse mais tempo, poderia ter saído ainda melhor, mas os atores não deixaram a desejar. Poucas falas precisaram ser regravadas. O professor orientador, Maurício

Tavares, foi essencial não só no processo de produção do TCC, mas, como já citei, em todo o meu processo na universidade. Neste último semestre, ele fez reuniões semanais, via *Google Meet*<sup>5</sup>, para acompanhar todo o desenvolvimento de seus orientandos - estes inclusive ajudaram com dicas e opiniões, enriquecendo ainda mais o meu trabalho. Maurício também sempre esteve disponível para responder às minhas dúvidas, e me auxiliou na produção deste memorial, que estava ansioso para fazer.

---

<sup>5</sup> Aplicativo de reuniões do Google, plataforma de conteúdo da internet.

#### **4. Considerações finais**

De forma geral, acredito que consegui realizar o trabalho da forma que pretendia. Mesmo com as dificuldades citadas acima, causadas pelo isolamento, a radionovela cumpre sua principal tarefa e seu maior objetivo: criticar, em forma de sátira, o pouco tempo oferecido aos alunos de jornalismo da Universidade Federal da Bahia para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso. Não só isso, mas, como já foi citado, fazer referências a coisas que estão no nosso cotidiano e também falar sobre os alunos que deixam para fazer as coisas na última hora.

Consegui desenvolver as coisas que mais me atraíram durante a faculdade, que são as peças radiofônicas. Aprimorei minhas técnicas para me comunicar através do rádio, como locução, edição e produção, e aprendi a importância de conhecer o público para quem está se dirigindo, coisas que não eram claras no início da minha trajetória universitária.

Há de se destacar também a importância de todo o apoio dos outros professores, especialmente os de texto, que me ajudaram a evoluir a minha escrita e me proporcionaram chegar em um roteiro ideal para o meu produto. Acredito que a obra cumpre o papel de tentar alcançar um determinado público-alvo, específico dos novos formatos de comunicação por áudio, mas também engloba o público em geral, falando sobre temas do cotidiano. Os efeitos que essa radionovela vai gerar, no entanto, precisam ser analisados após o período de trabalho. Afinal, nenhuma produção garante sucesso de bilheteria antes de ser veiculada.

## REFERÊNCIAS

BORELLI, Silvia H.S.; MIRA, M.C. Sons, imagens, sensações: radionovelas e telenovelas no Brasil. Intercom, São Paulo, v. XIX, n.1, 1996. p. 33-57.

CALABRE, Lia (2002). A era do rádio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

CHAVES, Glenda R. Gonçalves. A Radionovela no Brasil: um estudo de Odette Machado Alamy (1913-1999). Belo Horizonte: UFMG, 2007.

HARTMANN, Frei Jorge e MUELLER, Frei Néelson (org.). A comunicação pelo microfone. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1998.

LÓPEZ VIGIL, José Ignacio. Manual urgente para radialistas apaixonados. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 131-204.

MCLEISH, Robert. Produção de Rádio. Um guia abrangente de produção radiofônica. São Paulo, Summus, 2001. p. 179-190.

PRIMO, A. F. T. (2005) Para além da emissão sonora: as interações no podcasting. Intertexto, Porto Alegre, nº13, pp. 1-17.

TAVARES, Maurício. A paródia no rádio. São Paulo, 1999.

<https://abpod.org/podpesquisa/> Acesso em: 25 de abril de 2021.

<https://imprensa.globo.com/programas/gshow/textos/gshow-lanca-primeira-serie-produzida-para-podcast-gilmar-baltazar-detetive-particular/> Acesso em: 25 de abril de 2021.